

Álbum 'Milton & Esperanza' tem novo single no ar

PÁGINA 3



Doc. sobre Luiz Melodia vence o In-Edit Brasil

PÁGINA 4



'Pluft' volta a ser montado no palco d'O Tablado

PÁGINA 6



## 2º CADERNO

# O palco é a favela; o show é o favelado

Chega às plataformas digitais o CD-DVD de Zeca Pagodinho: uma celebração à grandeza do samba

Divulgação



Por Celso Athayde\* Especial para o Correio da Manhã

O palco é a favela, e o show é o favelado. Ou eu fiquei louco ou essa parece ser a mensagem do novo DVD do Zeca Pagodinho, quando logo aos primeiros segundos, surgem no telão, embalados por um choro ancestral de cuíca, alguns dos principais nomes da maior potência cultural que esse país já produziu: Monarco, Dona Ivone Lara, Martinho da Vila, Paulinho da viola, Fundo de Quintal, Manacéa, Casquinha, Wilson Moreira, Aniceto, Leci Brandão, Tia Doca, Jovelina, Almir Guineto, Alcione, João Nogueira, Jorge Aragão, Teresa Cristina. Geral favelado, geral gênio, black creators que juntos moldaram, com dor e poesia, a face cultural desse país, de dentro dos guetos para o mundo todo, muito antes do nascimento da expressão “economia criativa” que nunca os remunerou devidamente.

Continua na página seguinte



Juliana Coutinho/Divulgação

# Um artista no coração do povo

Guto Costa/Divulgação

**A** lista de imortais da Academia do Povo, logicamente, só fecha quando surge no telão Beth Carvalho que lançou inúmeros talentos do samba, entre eles, o Zeca. E é o homem que entra no palco do Engenhão, no Rio de Janeiro, lotado, para cantar “Camarão que Dorme a Onda Leva”, samba feito em parceria com Beto sem Braço e Arlindo Cruz, e mostrar toda a sua gratidão à madrinha, que, em 1983, o lançou para o mundão com essa música. Anota aí, aula 01 do samba: ancestralidade e tradição.

“Pisa como eu Pisei”, de Zeca Pagodinho, Aluisio Machado e Beto Sem Braço, é a próxima lição, mas como é lição de vida, o ideal era que você, além de escutar várias vezes esse samba-faculdade, printasse a letra e compartilhasse com os seus colegas, pois aqui está a jornada do herói Zeca, aos 65 anos de vida, celebrando 40 anos de sucesso e chamego com o Brasil. É uma reflexão profunda sobre a sobrevivência nesse país: os desafios, os caôs, os B.O.s e as conquistas, mas também e principalmente sobre a força da fé para gente como nós. Não há sucesso sem Deus, qualquer que seja Ele.

O que acontece desse momento em diante é a mais pura materialização do propósito maior do samba: ser música, diversão, alento, abraço, cachaça, amigo, amante, e ao mesmo tempo, um manual de vida para quem é brasileiro e, como tal, não desiste nunca. Mais lições em forma de canção surgem com “Ser Humano”, de Claudemir, Marquinho Índio e Mário e “Quando a Gira Girou”, do saudoso Claudinho Guimarães e de Serginho Meriti, num dos momentos mais lindos do espetáculo, com belas imagens no telão e delírio do público.

Ao cantar “Lama nas Ruas”, sucesso dele com o grande Almir Guineto, Zeca presta homenagem ao seu maestro e parceiro Rido Hora que adentra o palco, no sapatinho, tocando sua gaita. Juntos, nos lembram que o Brasil é gigante e quem manda na gente é o coração. Aliás, é o coração que, despedaçado, sente a sinceridade na hora de “Mais Feliz”, lindo samba de amor feito por Toninho Geraes e Paulinho Rezende. E como o amor, por definição e infortúnio, contém tretas, adentram na avenida os maiores clássicos das rodas de samba e das noites de boemia: “Vai Vadiar”, de Ratinho e Monarco, e “Judia de Mim”, de Zeca e Wilson Moreira.

Marcelo D2, aquele sambista carioca

camuflado de rapper, ou vice e versa, entra e fortalece “Minha Fé” em que ambos batem cabeça para Ogum, Xangô, Oxum e Obaluaê, orixás protetores e guias na jornada do cantor. A celebração da espiritualidade e da alegria de viver segue com “Patota do Cosme” e “Ogum”, essa com fortíssima participação do rapper e escritor Djonga que prova que a fé conecta todas as gerações de corações favelados.

O palco vira viela de vez quando chegam Jorge Aragão, Diogo Nogueira, Pretinho da Serrinha e Xande de Pilares para cantar “Minta Meu Sonho”, “Não Sou Mais Disso”, “Brincadeira Tem Hora”. Ouvir esses caras cantando juntos e modulando seus timbres

diferenciados, é a própria definição da palavra sinfonia, que antes de ser exclusiva da música erudita, é apenas a “união das vozes”, nesse caso, as vozes que nos formaram como brasileiros.

Em seguida, entra “Maneiras”, samba de Sylvio da Silva, imortalizado em 1986, quando Zeca manda o papo reto sobre os direitos almejados pelo trabalhador brasileiro. Aquela conversa particular que se tem com o copo de cerveja ou com o baseado, para pensar melhor na vida e filosofar. Em “Saudade Louca”, o bagulho fica doido de vez: Seu Jorge chega na beca. Os dois levam a carta de amor composta pelo gênio Arlindo Cruz e os parceiros Acyr Marques e Franco a um nível histórico,

ou seja, vai ser muito difícil esquecer!

“Ratatuia”, de Roberto Lopes, Canário e Almir, “Vacilão”, samba falado de Zé Roberto, e “Caviar”, de Barbeirinho do Jacarezinho, Luiz Grande e Marquinhos Diniz, formam uma trilogia sobre nossa vida na favela, com direito a lágrimas, pulada de cerca e gargalhadas. Tudo para relaxar o público para o momento de maior emoção, quando a rainha Alcione entra e, junto com Zeca, canta “Mutirão de Amor”, obra-prima de Jorge Aragão, Sombriinha e Zeca Pagodinho que deveria ser ensinada nas escolas para preparar a molecada para a vida. A emoção parece não poder subir mais, até que num lance de improviso, Zeca consegue “roubar” “Sufoco” da Marrom. O público viaja no tempo e nas próprias histórias. Quem nunca se rasgou por dentro ouvindo Alcione? Nem o malandro de Xerém aguenta e nessa hora vira fã junto com a multidão.

Depois do chorar na coxa, Zeca volta refeito e lança o míssil “Faixa Amarela”, dele com Jessé Pai, Luiz Carlos, e Beto Gago, sem os versos polêmicos, porque malandro que é malandro sabe evoluir no tempo. E do futuro vem outro míssil, de beleza, talento e carisma: Iza. Juntos cantam “Cadê Meu Amor” e “Balancê”, e a moça de vestido azul, vai embora deixando saudade. Zeca emenda em “Samba Pras Moças”, faixa que deu nome ao seu nono disco, lançado em 1995.

Diretamente de 1986, surgem os sucessos do início da carreira “Casal Sem Vergonha”, “SPC” e “Coração em Desalinho”, do primeiro disco. Como pode? Os versos de “Deixa a Vida Me Levar”, de Serginho Meriti e, fazem o Engenhão levantar as mãos para o céu e agradecer por tudo que Deus nos deu. O coração no fundo já sabe que o show está quase acabando quando chega a hora da “Verdade”, mas não entende como pode um artista ter tantos sucessos e falar tanto o que a gente pensa e sente na intimidade, quando apagamos a luz. A resposta entra no palco em forma de família ao som de “Bagaço da Laranja” e todo mundo tem a nossa cara, mulher, filhos e netos, mas principalmente o próprio Zeca. Todo mundo é gente como a gente. Esse DVD é como o samba, ele diverte, emociona e ensina, mas também mostra porque o Zeca mora há 40 anos no coração do povo: porque conquistou o mundo sem jamais mudar sua essência. Lição final do curso: Verdade.

**\*Fundador da Central Única das Favelas (Cufa) e CEO da Favela Holding**



**Zeca Pagodinho durante a gravação do CD-DVD do show em que comemora 40 anos de carreira**

# 'Milton & Esperanza' tem mais uma faixa revelada

Cantor faz dueto com o amigo Paul Simon em 'Um vento Passou'

Por **Affonso Nunes**

Com lançamento agendado para 9 de agosto, o álbum "Milton & Esperanza" - um projeto colaborativo de Milton Nascimento com a contrabaixista, cantora e compositora cantora estadunidense Esperanza Spalding - é cercado de expectativa lançada hoje. No último fim de semana, o single "Um Vento Passou (para Paul Simon)", uma das faixas do

álbum, chegou às plataformas musicais. Milton faz um inspirado dueto Paul Simon, a quem a canção é dedicada.

Inspirado por sua longa amizade com o músico norte-americano, Milton escreveu a música recentemente e a letra é assinada por Márcio Borges, parceiro de longa data de Milton desde os tempos de Clube da Esquina.

A faixa ainda vem acompanhada de um vídeo, no qual Esperanza (responsável pelos arranjos e pro-



Pedro Napolinário/Divulgação

**Esperanza Spalding e Milton Nascimento voltam a trabalhar juntos**

dução musical do trabalho) compartilha um pouco da história especial por trás de faixa - como Milton a escreveu pensando em Simon, as conexões entre os três artistas e como Simon aprendeu a cantar a

letra em português.

"Milton & Esperanza" reúne 16 faixas gravadas entre Brasil e Estados Unidos ao longo de 2023. Cinco faixas são da autoria do brasileiro repertório inclui cinco composições de Milton. São elas: "Outubro" (Milton e Fernando Brant, 1967), o primeiro single divulgado

do disco; "Saudade dos Aviões da Panair" (Milton e Fernando Brant, 1974), regravada com a cantora britânica Lianne La Havas, o violonista Lula Galvão e os cantores Tim Bernardes e Maria Gadú; "Morro Velho" (Milton, 1967), com a moldura instrumental da Orquestra Ouro Preto; "Cais" (Milton e Ronaldo Bastos, 1972) está alocada na segunda faixa do disco.

"Saci", de Guinga e Paulo César Pinheiro, ganhou nova versão com a participação de Guinga. O disco traz também releituras de músicas dos Beatles, de Michael Jackson (1958 - 2009) e de Wayne Shorter, todas com a sofisticação jazzística dos arranjos de Esperanza.

Fã declarada da música brasileira, Esperanza Spalding acumula trabalhos com outros artistas brasileiros, tais como Djavan, Guinga, Ana Carolina e Hermeto Pascoal. Em 2010, participou de seu álbum "Chamber Music Society" cantando uma faixa e, no ano seguinte, dividiram o palco numa apresentação histórica no Rock in Rio.

## UNIVERSO SINGLE

POR AFFONSO NUNES

### Pela saúde mental

Yungblud lança nas plataformas o single "Breakdown", música centrada na saúde mental que aborda de forma sincera o que significa lutar e as diferentes maneiras pelas quais alguém pode superar suas dificuldades. Para cada criação no TikTok feita usando a hashtag "breakdown", o britânico vai doar uma libra para instituições de caridade de saúde mental do Reino Unido. "Para quem acredita que não consegue - você consegue. Você pode superar isso. Não se esqueça do que é real na sua vida", publicou o cantor em suas redes.

Divulgação



Divulgação

### Garotos de Benin

Primeiro cantor africano a atingir 1 bilhão de streams apenas no Spotify, Rema dá início a uma nova fase de sua carreira com o lançamento de "Benin Boys", uma animada faixa que é um hino em homenagem à sua cidade natal, Benin City, na Nigéria, e conta com a participação do artista em ascensão da cidade, Shalipopipi. A música também vem acompanhada de um videoclipe oficial, dirigido por DK e filmado na cidade natal da dupla. O clipe captura Rema e Shalipopipi homenageando algumas das tradições locais e a essência da cultura de Benin.



Divulgação

### Álbum no forno

Acaba de ser apresentado o lyric video de "Nice To Meet You", novo single do Imagine Dragons, que se apresentará no Rock in Rio no dia 14 de setembro. A faixa é parte do sexto álbum de estúdio do da banda, "Loom", que será lançado no próximo dia 28, e representa o auge da jornada artística de autodescoberta do grupo. Produzido inteiramente pelo Imagine Dragons e seus colaboradores de longa data, Mattman e Robin, "Loom" traz um equilíbrio entre os sons clássicos que os tornaram superstars e o frescor que lhes trouxe alegria no estúdio.

## CORREIO CULTURAL



Divulgação

Noam Chomsky e Celso Amorim em 'Utopia Tropical'

## Doc. com Noam Chomsky estreia na grade do Canal Brasil

"Utopia Tropical", documentário de João Amorim, filho de Celso Amorim, estreia no Canal Brasil nesta quarta-feira (26), às 22h45. No longa, o linguista, filósofo e ativista norte-americano Noam Chomsky e o diplomata brasileiro e assessor especial do presidente Lula, Celso Amorim, analisam o surgimento e a queda dos governos de esquerda da América Latina.

O documentário aborda as complexidades das relações latino-americanas e critica as consequências para as populações negras e indígenas, além dos efeitos na economia e no meio ambiente.

Noam e Celso analisam e alertam sobre a forte influência e dominação norte-americana na América Latina.

### Pirataflix

O Departamento de Justiça dos Estados Unidos condenou cinco homens a prisão por operarem um serviço de streaming ilegal que dizia ter mais conteúdo que os catálogos da Netflix, Hulu e Amazon Prime Vídeo combinados.

### Pirataflix III

A Jettflixs, que cobrava US\$ 9,99 por assinante, dizia ter mais de 180 mil episódios de conteúdo audiovisual. Depois que foi denunciada, a empresa tentou se livrar das acusações fingindo ser uma companhia de entretenimento aéreo.

### Pirataflix II

Segundo as autoridades, a operação gerou lucros milionários e causou prejuízos substanciais aos direitos autorais de programas televisivos. O líder do grupo foi condenado a 48 anos de prisão. Os outros receberam penas de cinco anos de reclusão.

### Pirataflix IV

Um dos membros do Jettflixs decidiu sair do esquema e criar o seu próprio streaming ilegal, aiStreamItAll, que cobrava US\$ 19,99 mensais. Em 2019, o criador do site se declarou culpado, sendo condenado a 57 meses de prisão.



Divulgação

'Luiz Melodia - No Coração do Brasil' traz imagens raras do cantor e compositor, um dos autores mais relevantes da música popular brasileira

# No coração do Brasil

Filme biográfico sobre Luiz Melodia vence o Festival In-Edit Brasil



'Black Rio! Black Power!' mergulha no universo dos bailes de soul dos anos 1970 no Rio

O documentário "Luiz Melodia - No Coração Do Brasil" foi o grande vencedor da 16ª edição do In-Edit Brasil, o Festival Internacional do Documentário Musical. Dirigido por Alessandra Dorgan, o documentário traz imagens de arquivo raras e é narrado em primeira pessoa pelo próprio Melodia, a partir de vários depoimentos dados pelo artista morto em 2017. O filme retrata a trajetória de um dos maiores e mais injustiçados cantores e compositores da música brasileira, da infância no morro aos palcos. A produção será apresentada no In-Edit Barcelona, na Espanha.

Já o longa "Black Rio! Black Power!", de Emílio Domingos, recebeu menção honrosa do júri, formado por Tila Chitunda, Bia Abramo e Claudiney Ferreira. O In-Edit Brasil foi encerrado no domingo (23). O evento foi realizado em São Paulo, com sessões gratuitas e mais de 60 filmes.

Parte da programação será disponibilizada gratuitamente e online, nas plataformas Sesc Digital, Itaú Cultural Play e Spcine Play.

No Panorama Nacional, destacam-se títulos sobre os artistas Arriego Barnabé, Black Future, Zé Ketti, DJ Marlboro, o pianista Caio Pagano, o cantor lírico Aldo Badin, Germano Mathias, Moacyr Luz,

Luiz Melodia, Black Rio, e DJ K.

No Panorama Mundial, os destaques são documentários sobre Cyndi Lauper, Simple Minds, Karen Carpenter, Carlos Santana, Barbara Dane, Paul Simon, Joan Baez, e "Misty - The Erroll Garner Story", sobre o pianista Erroll Garner, do cineasta franco-suíço Georges Gachot, diretor de "Onde Está Você, João Gilberto?", filme que abriu a décima edição do In-Edit Brasil.

Para quem não acompanhou o festival, Entre os dias 23 a 26/06, o In-Edit Brasil realizará sessões extras, exibindo alguns destaques desta edição. Nesta segunda (24), será exibido "Nas Ondas De Dorival Caymmi", de Locca Faria, com depoimentos de grandes nomes da música popular brasileira sobre o impacto de Caymmi sobre suas obras; "Let's Get Lost", de Bruce Weber, sobre a carreira de Chet Baker, um dos maiores nomes do jazz; e "Saravah", de Pierre Barouh, documentário histórico da música brasileira, com imagens de Pixinguinha, Maria Bethânia e Paulinho da Viola.

Nesta terça (25), serão exibidos "Misty - The Erroll Garner Story", de Georges Gachot; "Terror Mandelão", de Felipe Larozza e GG Albuquerque; e "The Stones & Brian Jones", de Nick Broomfield, que desvenda a história de Brian Jones, ícone da primeira fase dos Rolling Stones. No último dia, será a vez do "Black Rio! Black Power!"; "Luiz Melodia - No Coração Do Brasil"; e "Devo", de Chris Smith.

## ENTREVISTA / ROBERVAL DUARTE, CINEASTA

Divulgação

Por **Rodrigo Fonseca**

Especial para o Correio da Manhã

**P**ainéis distintos da realidade brasileira compõem Cinema Pelo Caminho, sessão que o Estação NET Botafogo realiza nesta quarta-feira, dia 26, a partir das 19h, reunindo a produção cinematográfica de Roberval Duarte, um diretor que encara a cidade do Rio de Janeiro com encanto, mas com questionamentos. Diferentes fases de sua obra, demarcada por curtas-metragens, serão projetadas, compondo um painel de sentimentos distintos, sobretudo a inquietação com os modos de viver. Na entrevista a seguir, o cineasta, formado pela UFF e mestrado em Mídias Criativas pela UFRJ, explica as singularidades de seu olhar.

**Quantos e quais filmes serão exibidos nessa retrospectiva de sua carreira como diretor?**

**Roberval Duarte:** A sessão Cinema Pelo Caminho reúne minha produção audiovisual, dez anos depois da estreia de “Dia dos Pais” (2014) no Festival de Havana. É um filme sobre luto, que ganhou novo significado depois da pandemia, em função da tragédia, humanitária e política, que aconteceu no Brasil. Será sua primeira exibição em cinema no país. Também serão exibidos meus filmes anteriores, desde o primeiro: “Rota de Colisão” (1999), que esteve em quase 70 festivais e mostras pelo mundo, com várias premiações e representando o Brasil no Festival de Cannes. Estão ainda no programa: “Asfixia” (2004) e “Santas” (2012), premiados no Festival de Belém (Sound Design) e Cine Ceará (Direção), respectivamente.

**Qual e como é o Brasil representado no seus curtas?**

Meus filmes representam um Brasil que teima em resistir a uma condição imposta, ao longo de sua História, por uma elite medíocre, sem amor pelo país e que sequer faz luto em momentos de tragédia, como na pandemia de Covid-19. Falam da infância e juventude negra das periferias que cresce em busca de caminhos, nestes tempos de precarização do trabalho e crescente exclusão. Falam da retórica da violência, midiática, que eleger oportunistas e aprisiona as pessoas em discursos de ódio. Mas falam também da maior parcela do povo brasileiro, que



# ‘Curtas são ferramentas valiosas’

luta com bravura para superar esse estado de coisas e avança, sempre. Falam sobretudo com as mulheres, a alma feminina, na vanguarda por uma sociedade mais justa e humana.

**Que fases da sua obra a sua sessão revisita e que caminhos essa obra tomou?**

“*Mesmo com o sucesso em festivais e premiações de meus curtas, nunca consegui apoio no Brasil para realizar meu primeiro longa*”

São duas fases distintas. A primeira, em 35mm, na sequência do curso de Cinema da UFF e atuante como programador de filmes do CCBB RJ. Busca inspiração em movimentos (como o Cinema Novo e o neorealismo, em “Rota de Colisão”) ou autores (como Woody Allen e Polanski, em “Asfixia”) que fizeram a minha cabeça. A segunda, digital, é muito mais intimis-

ta e pessoal, ainda de olho no cinema de autor (Wim Wenders, Ozu, Kiarostami e o meu querido amigo Eduardo Nunes). Atualmente, sigo trabalhando no projeto “Crônicas da Cidade que Eu Amo”, homenagem declarada a Carlos Hugo Christensen, roteiro que foi finalista do Sundance/ NHK International Filmmakers Award.

**Como você avalia o papel social e estético do curta-metragem como veio de expressão?**

Mesmo com o sucesso em festivais e premiações de meus curtas, nunca consegui apoio no Brasil para realizar meu primeiro longa, mesmo com um roteiro recomendado pelo Sundance Institute. Mas sigo adiante, com energia, agora inspirado pela obra do Christensen, um cineasta argentino apaixonado pelo Rio de Janeiro. De qualquer forma, eu me sinto realizado como curta-metragista, pois o formato é fundamental por permitir uma liberdade estética que mantém o cinema vivo como expressão artística. No campo social, por minha experiência como cineclubista, penso que os curtas são ideais para fomentar o debate necessário, com diferentes tipos de público, e são ferramentas valiosas para profissionais da Educação.

Roberval Duarte

## Paulo-Roberto Andel

### Jazz na beira da Baía

Sáimos do trabalho às cinco da tarde, deixamos a Praça Tiradentes e fomos até o Largo da Carioca, um percurso de 400 metros. Seguimos torcendo para que os bares cheios de cerveja e gentes ocupem a veterana rua cariocas hoje abarrotada de portas fechadas. No Largo fomos direto na Banca do Vavá, o velho Olivar, livreiro politizado e consciente que há anos roda milhares de livros na porta da Estação Carioca. Livros, livros e CDs. Muitos clientes, claro, e também gente no vaivém que não está nem aí pra isso.

Eu estava com fome. Eu sempre tenho fome. Sou gordo porque não posso mais praticar os esportes que gosto, mas também porque adoro comer. Muitas vezes fiquei sem saber se conseguiria almoçar ou jantar, por isso valorizo cada prato de comida. Então fomos ao Gaúcho, esquina de São José com Rodrigo Silva, desde 1935 na labuta. Tudo lá é gostoso. Pedi o pão com linguiça e molho, legítimo cachorro quente. Antes, eu e Jocemar pedimos dois bolinhos de carne. Bar cheio, todo mundo fica em pé, cotovelos se tocam, parece outro Brasil. Um barato é que hoje há grupos de mulheres em pé no botequim, e aí percebo como o machismo prevalecia nos bares da minha juventude.

Fomos embora para o jazz, mas somente duas quadras depois Jocemar percebeu que havia esquecido o celular no balcão. Senhor! Saiu correndo, encontrou o aparelho, voltou feliz da vida e comemoramos, porque o telefone hoje é praticamente a nossa loja virtual - isso, claro, sem contar os dois barões de prejuízo caso não tivesse achado.

Um barato da Praça XV: skate. A rapaziada voando sobre as rodinhas. Sempre quis ter um quando era garoto, mas o preço era caro, então continuei pela praia jogando bola. Gosto das manobras, dos risos, é um esporte com ousadia. E ainda tem um super skate instalado ali. Pena que o grande movimento de gente dos anos 1980 e 1990 não existe mais. A Praça ficou muito mais bonita, mas se esvaziou. Em trinta ou quarenta anos as coisas mudam muito.

Aos pés da Baía de Guanabara, acontece o Jazz nas Quartas, dois sets a partir das sete da noite. O Guga Pellicioti, excelente baterista com larga rodagem jazzy (Pedra do Sal, Cinelândia). Conheci o Vitor pequenininho e hoje ele é um senhor guitarrista. Por fim, o baixo elegante e preciso de Fábio Brasil. Jazz de respeito, alternando standarts com temas brasileiros da bossa e da MPB, de "Feira de Mangaio" a "A night in Tunisia". Ou seja, tudo que bons ouvidos musicais precisam, com entrada franca e lanches baratos - não deixem de ir.

Quase oito da noite. Baixo, bateria e guitarra vão duelando maravilhosamente. O jazz é bom. O jazz liberta. Uma garota escuta o show e escreve num caderno - ou seria uma agenda? Um casal namora harmoniosamente enquanto espia a apresentação. Alegre, Jocemar comemorava merecidamente a salvação do celular. Não tenho nada para comemorar, mas posso dizer que tive uma noite de paz - me senti até gente, como não fazia há tempos. Venham à Praça XV ver e ouvir jazz nas quartas, a vida fica melhor.

# Maria Clara Machado presente!

'Pluft, o Fantasmilha' reestrea em versão contemporânea

Por **Cláudia Chaves**  
Especial para o Correio da Manhã

**E**m 28 de outubro de 1951, Maria Clara Machado reúne um grupo de artistas, intelectuais para fundar o Tablado. Na ata de fundação, ficou registrado "grupo de teatro amador" que passou a funcionar em uma sala cedida, com um pequeno palco, para apresentações amadoras. O Tablado é hoje, sobretudo, uma escola de teatro, com cerca de 700 alunos e mais de 20 professores, atuante na formação de cidadãos de todo o Brasil.

Hoje é tratado como pai e a mãe de formação de profissionais de áreas performáticas. Maria Clara é autora de 23 peças infantis, entre elas "A Bruxinha que era Boa", "A Menina e o Vento", "O Rapto das Cebolinhas", "O Cavalinho Azul" e "Pluft, o Fantasmilha", premiadas nacional e internacionalmente e traduzidas para diversos idiomas.

O Tablado, nesses mais de 70 anos, se tornou referência na formação de plateias sensíveis e de profissionais de teatro - cenógrafos, figurinistas, iluminadores, atores e diretores, a exemplo de Hamilton Vaz Pereira, Wolf Maya, Cininha de Paula, Cláudia Abreu, Ingrid Guimarães, Louise Cardoso, Malu Mader, Du Moscovis, Leonardo Brício, Andréa Beltrão, Fernanda Torres, Rubens Corrêa, Drica Moraes, Jaqueline Laurence, Mateus Solano e Gregório Duvivier, entre muitos outros.

O Tablado é uma lenda, considerado Patrimônio Cultural do Rio de Janeiro e seu espaço

Chico Cerchiaro/Divulgação



**Maribel, Perna de Pau, Tio Gerúndio e Pluft em na no palco d'O Tablado**

físico foi tombado pela Prefeitura. Suas atividades artísticas também foram reconhecidas pelo governo federal. Pelo menos uma de suas peças, "Pluft, o Fantasmilha", deveria ser considerada Patrimônio Imaterial.

Enquanto esperamos o reconhecimento formal, este clássico, após 10 anos da sua última apresentação, retorna aos palcos para uma nova temporada. A obra premiada, prestes a completar 70 anos da sua primeira encenação, estreia neste sábado (22), no Teatro O Tablado.

No elenco, estão Bia Linhares, no papel do Pluft; Maria Eduarda de Carvalho como Mãe Fantasma; Joana Florez, Maribel; André Dale, Perna de Pau; Caio Paranaguá como Tio Gerúndio e Gabriel Terra, Vini Portella e Vitor Hugo Guimarães como os marinheiros João, Julião e Sebastião respectivamente; com direção geral de Cacá Mourthé.

Essa nova temporada traz uma configuração inédita, com

projeções atuais de personagens fantasmas gravadas com atores renomados que fizeram parte da história do clássico teatral em edições anteriores, como Cláudia Abreu, Tim Rescala, Dida Camero, José Lavigne, Rosane Svartman, Silvia Fucs e João Sant'Anna.

"Foi no Tablado, ainda muito menina, que entendi o poder transformador da arte. Através da paúra de Pluft, um fantasmilha que tem medo de gente, ressignifiquei meus próprios medos infantis. Ter a oportunidade de encenar essa peça, que marcou tão profundamente minhas escolhas de vida, é uma emoção intransmissível. Sem palavras que possam definir meu sentimento, derramo o mar todo pelos olhos e agradeço, profundamente emocionada", recorda Maria Eduarda de Carvalho.

### SERVIÇO

**PLUFT, O FANTASMINHA**  
Teatro Tablado (Av. Lineu de Paula Machado, 795 - Lagoa)  
Até 28/7, aos sábados e domingos (17h)  
Ingressos: R\$ 70 e R\$ 35 (meia)

'A Pedra Escura', texto do espanhol Alberto Conejero, estreia nesta quinta no Teatro Domingos de Oliveira

**A** força do diálogo, da compreensão e do amor em meio aos horrores da guerra. Esse é o ponto de partida de "A Pedra Escura", sucesso de público e crítica, que volta aos palcos cariocas no Teatro Municipal Domingos Oliveira, no Planetário da Gávea. A montagem inédita no Brasil de um dos mais premiados e importantes textos do teatro espanhol moderno, escrito por Alberto Conejero, fará temporada a partir desta quinta-feira (27).

Baseada em uma história real, a peça se passa no quarto de um hospital militar, durante a Guerra Civil Espanhola (1936-1939), dividido entre o prisioneiro Rapún (Vino Frago) e o guarda Sebastian (Lucas Popeta). Um revolucionário e um garoto. Dois homens que não se conhecem são forçados a compartilhar as horas terríveis de uma contagem regressiva que pode terminar com a morte de um deles ao amanhecer.

Ao prisioneiro, restam poucas horas de vida e a missão de salvar o último trabalho que Federico Garcia Lorca (Carmo Dalla Vecchia, em off), um dos maiores escritores espanhóis de todos os tempos, deixou sob sua custódia. Para isso, precisa convencer o jovem militar a salvar o texto de teatro, que conta a história de amor entre dois homens, motivo pelo qual Lorca foi fuzilado pelo exército franquista um



Vino Frago, ator e idealizador da montagem, e Lucas Popeta em 'A Pedra Escura'

# É possível dialogar na guerra?

ano antes, em 1936.

A produção, que fez sua estreia no Brasil em 2023 no Teatro Poeirinha, tem direção de João Fonseca e ficha técnica repleta de nomes de destaque no teatro nacional.

"A Pedra Escura" combina tensão dramática e pulso poético para levantar questões importantes, como a barbárie causada por uma guerra, a importância de preservar a memória e a cultura de um povo. E o papel crucial da educação e da arte para a construção de uma sociedade

mais humana e menos desigual.

"Eu queria fazer um espetáculo que fosse dramático, mais concreto, e com temática LGBTQIAPN+. Desde quando comecei a me descobrir bissexual quis levar ao palco essa pauta, pois há pouca representatividade nas artes e na mídia. Em 2018, conheci o trabalho de Alberto Conejero ao ler 'Como Posso Não Ser Montgomery Clift?' e, no ano seguinte, começamos a conversar sobre o projeto da montagem de 'A Pedra Escura', conta Vino Frago, ator e idea-

lizador do projeto.

"Convidei para a direção o João Fonseca, que foi uma das primeiras pessoas que conheci no Rio de Janeiro, por meio do Paulo Gustavo", detalha.

Diretor com mais de 30 espetáculos dirigidos, o premiado João Fonseca reforça o papel da peça de Alberto Conejero na preservação da trajetória de Rafael Rodrigues Rapún, companheiro de Federico Garcia Lorca nos últimos anos de sua vida e inspiração para os seus "Sonetos do Amor Obscuro".

"São muitos anos de obscuridade, muitos anos sem que as personagens LGBTQIAPN+ que fizeram parte da história tivessem suas vidas contadas e sua importância reconhecida. Muitos anos de perseguição por governos autoritários sem nunca vir um pedido de desculpas", comenta o encenador. "A Pedra Escura' é um encontro de dois jovens atropelados pela Guerra Civil Espanhola, guerra que destrói tudo, inclusive os vencedores. Desse encontro surge a esperança de que, mesmo aniquilados, não desapareçamos por completo. A arte e a memória resgatarão a beleza e a poesia", reforça.

## SERVIÇO

A PEDRA ESCURA  
Teatro Municipal Domingos Oliveira (Av. Padre Leonel Franca, 240 - Gávea - Planetário)  
De 27/6 a 14/7, de quinta a domingo (20h)  
Ingressos: R\$ 40 e R\$ 20 (meia)

# Melhor surpresa

Por Cláudia Chaves

Especial para o Correio da Manhã

**S**omos um família pop daquelas que qualquer diversão nos agrada. Sábado com clima de verão lá fui eu com meus netos, Rosa e Nuno. Primeiro fomos ver os cenários incríveis de “A Noviça Rebelde” e, em seguida, partimos para o Surreal por conta do cardápio, com pratos de nomes incríveis, e dos jogos de realidade virtual.

E tudo saiu melhor que o combinado. O cardápio é da experiente e criativa chef Daniele Tronfino, que passou pelas cozinhas de Felipe Bronze e Rafa Costa e Silva. Melhor escola impossível.

Foi um desfile de pratos com execução campeã. Começamos pela Fresh Fries of Bel Air - deliciosas batatas fritas crinkle (aquelas com ondinhas) temperadas cobertas com



Nubra Fasari/Divulgação

**La La Land, peixe curado, sour cream, aioli de abacate e azeite verde, servido com chips de raízes crocantes**

cheddar derretido e bacon crocante. O queijo fica nas “ondinhas”, com preparo segredo da casa. Rosa logo disse: “Vovó, você tem que escrever só sobre essa batata. É a melhor que já comi”. E a vontade da neta, muito justa, está feita.

Os dois pratos do mar são de repetir. Fish and Fries, a tilápia bem fininha, passada no

amido, crocante. Depois, o La La Land - peixe curado, sour cream, aioli de abacate e azeite verde. Um atum, cortado em micro, mas micro mesmo pedacinhos, o sour cream que virou favorito, o molho verde iluminando o prato. E os chips de batata doce roxa, secos crocantes para se chuchar no molho.

Nuno é sommelier de hamburger. Co-

meu até a última migalha o Super Smash Burger inspirado no jogo Super Smash Bros (blend duplo de angus de 2x90g, queijo cheddar derretido, maionese surreal e uma crocante farofa de bacon). A carne possui o melhor preparo: na chair broil, uma “churrasqueira” que deixa a carne igualmente assada.

Os coquetéis são um capítulo à parte. Pedimos um dry martini, porque estávamos na data comemorativa do drinque, seco e com angustura, um “tempero” para bebidas. Como não tememos nada, pedimos o Zoombieland (rum ouro, licor de canela, abacaxi, limão, grapefruit, amêndoas e Angostura Bitter).

Da próxima vez, vamos fazer mesão para poder se provar a excelente cozinha da Dani, repetir o atendimento ótimo do Matheus e ter certeza que, poucas vezes, pode-se mergulhar em uma realidade tão maneira.

## SERVIÇO

SURREAL

Rua Paulo Barreto, nº 102 – Botafogo  
De segunda a quinta (12h às 16h e 18h à 0h; sexta (12h às 16h e 18h à 1h; sábado (12h às 2h) e domingo (12h à 0h)

## NOTÍCIAS DA COZINHA

POR CLÁUDIA CHAVES

### Tábua junina

As festas juninas, queridas do coração dos cariocas, são aguardadas ansiosamente para saborear as delícias típicas da estação. Este ano, a tradicional casa tijuicana, Lareira Original celebra os festejos de São João com a Tábua Junina, um prato especial com um mix dos melhores do churrasco. Espeto de carne, linguiça, salsichão e coração de galinha, acompanhados de farofa, batata frita e molho à campanha. Esta iguaria, ideal para ser compartilhada entre amigos ou a dois, serve duas pessoas.

Suzanne Moraes

Manta Mi?dia/Divulgação



### Menu de inverno

O Nusa Café, seguindo o conceito de comidinhas saudáveis, criou um menu de inverno com cara da estação, de diversos preparos quentinhos e aconchegantes. Para começar, o clássico paulista, o Pão na Chapa com Requeijão; a Panelinha Avo Toast com molho de tomate artesanal, da casa, com ovo caipira poche, flor de abacate e servido com amanteigado brioche. Outra opção é o Mini Pão de Queijo Recheado, com com queijo canastra Ponte Velhano, recheado com queijo canastra e goiabada; cream cheese e presunto; queijo de cabra e tomate confit.

Divulgação



### Ovos em destaque

Com menu assinado pelo chef Félix Sánchez, o Loire Bistrô, no Vogue Square, apresenta um menu composto por vários pratos clássicos da casa com até 30% off, disponível todos os dias, entre 18h e 20h. Detalhe para ala de ovos especiais. Ovos Benedict - brioche, ovo mollet, presunto Royal, molho holandês e ciboulette; Ovos Florentine - brioche, ovo mollet, salmão gravlax, espinafre, molho holandês e ciboulette; Omelete Terra e Mar - ovos, queijo muçarela, camarão e cogumelos; e Omelete Veggie - ovos, queijo muçarela, legumes grelhados e tomate cereja.

